



11º UNICULT - VII Concurso de Contos e Crônicas

OS DOIS AMORES DE MENDONÇA

Autor(es)

GBRIBEIRO

Contos / Cricas

Título da Crônica: Os Dois Amores De Mendonça

Autor: Arthur Jordão

Mendonça era um rapaz quase balzaquiano, bambalhão, e folgazão.

Para fugir do onanismo, buscava distração em um alcoice suntuoso, ladeado por um paredão.

A casa de fulgor rubro fornecia diversão, que ia desde a bustos desnudos, até mesmo a fornicação.

Deleitosa cancha abonava belas matronas, e com sorte ao lance, abichava se uma à cama.

Velhaco de batota, no mais alto anoitecer, espargiu sereno olhar a uma dama a saber.

Sem prestar notas aos parceiros, delibou gole derradeiro, e seguiu até a matrona num passeio certo.

Ela prazenteira, deu-lhe seu telefone, e com todo gracejo, disse que Daiane era seu nome.

De toda bela não era, é verdade há de se narrar. Outrossim já iam as horas, e a cachaça aos miolos, e Mendonça nem notou tal fator a se julgar.

Saíram noutra noite, e ao motel ela foi levada. E ele por duas vezes irrompeu víscido fluido na amada, deixando por sobre a ela uma cisterna semeada.

Junto com a turgescência, bradou um ar de sua via, deixando do mesmo modo ofegante a senhoria.

Após não mais se viram. Nem sequer falaram mais. Mas a dama ainda em chamadas, clamava pelo rapaz.

Noutro dia com o sol ao léu, Mendonça voltou ao bordel, mas seu olhar se enxotou a outra dama usando véu.

Esta bela cavalheira, ao contrário da primeira, não queria seu apego, mas somente sua carteira.

Mesmo assim ele gamou, esquecendo da antecedente, e logo percebeu que esta seria sua nova pretendente.

Seu imo pululou e a moça então chamou. Mas num instante derradeiro, hesitante ela parou.

Entretanto ela veio, e Mendonça no entremeio, atirou-lhe o olhar em seu lindo par de seios.

Postou seu assento sobre o ornato de Mendonça, e um fluxo a cavalo, atingiu-lhe logo o falo.

Mas sua insólita veemência era para arranjar algum, e um aperitivo pediu que lhe bancasse o bebum.

Ele afrontou a prosa, e nada lhe pagou. Foi só uma velha e murcha rosa que Mendonça ofertou.

A moça lhe disse adeus, e cansou de suas embromas. Mendonça apenas ganhou uma amostra de suas pomas.

Indo numa outra noite, esta sendo a terceira, Mendonça de novo topou com a moça derradeira.

Ela não se acolheu, e nem olá lhe disse, apenas à distância, constatou sua pão-durisse.

Ele todo constrangido, tomou a roer unha, e indagou à dona, como ela conhecia sua alcunha.

A morena então chegou, com uma saia toda sacana, e logo se apresentou, dizendo-se de nome Ana.

Mas a noite foi passando, e Mendonça a conquistando, ao passo que no cabo, já estavam se amando.

Satisfeito ele ficou, pois com a dama até osculou, e ela muito mais, pois seu pecúlio papou.

Mendonça estava ditoso, embora depauperado, pois a dama lhe rapou, mas o deixou espicaçado.

Antes do adeus, um novo embate marcaram, e para consumir o ato, os telefones trocaram.

Mendonça todo exultante, pensava a todo instante, no local, dia e hora, que abocanharia a debutante.

Jubiloso em sua noitada peregrinou até a saída, e quão surpreso ficou ao ver a primeira de sua vida.

A dama da semearia o aguardava na portaria, e tão logo o avistou um ósculo ela lhe tascou.

Irradiando calor, ela logo o empunhou, e descendo sua mão, seu membro apalpou.

O órgão enrijeceu, ainda que de surpresa, prontamente respondendo ao chamado da natureza.

Ela então lhe clamou que ele comparecesse, levando seu instrumento em riste, pois caso contrário, a deixaria muito triste. Que frugal homem deixaria de atender tal rogação, ademais de uma dama úmida e em plena ebulição? Pois Mendonça acertou e um novo encontro marcou, para sábado estava datado, outro laço seria atado. Mas deixando a pocilga, a mente lhe veio a tona, que também havia agendado para o sábado encontro com a outra dona. Logo a idéia sumiu, e já que haviam dois embates, tratou logo de pensar no lugar para o abate. Sua noite estava feita, pois apenas numa ação achou a jogada perfeita. Tratou então de descansar, a fim de se poupar, pois na noite a chegar haveria de ralar. Ajeitou-se na cama e apagou se por inteiro nem havendo tempo para contar algum carneiro. Mas logo despertou, com seu corpo a pular, pois estava a tocar o seu fone celular. Era a moça a primeira, que tomada de furor, chamou-lhe de tranqueira por trair o seu amor. Ela se revoltou e chamou-o de sacana, pois como no mesmo dia havia marcado para encontrar a Ana. Mendonça entorpecido, tentou reverter o ocorrido, mas não conseguiu se expressar pois havia emudecido o celular. Já era manhã cedo, e findando o enredo, desfecha-se aqui a real história de um mancebo. Acordou aturdido, olhando de soslaio, já logo sabendo que seu dia foi para o balaio. Então a noite chegou e nenhuma dona ligou. Ele e o seu cinismo foram só o que restou. E sem damas aquela noite, resultado de uma treta, o que acabou-lhe restando foi bater uma soneca.